

EDITORIAL

A Educação em Revista tem o prazer de publicar o número 19, volume 01 que apresenta ao leitor 10 (dez) artigos na área da Educação com diferentes enfoques:

O primeiro artigo, intitulado **“A APROPRIAÇÃO DO RURALISMO PEDAGÓGICO E A MATERIALIDADE DA ESCOLA RURAL DE SERGIPE (1947-1951)”** usa como fontes de pesquisa relatos orais, mensagens de governadores do Estado de Sergipe, publicações da Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, a obra *Educação em Sergipe* de Nunes Mendonça, publicações de Acrísio Cruz e fotografias (dentre outros), a fim de recuperar os moldes do ruralismo pedagógicos no Estado. Os autores Rony Rei Nascimento Silva e Ilka Miglio Mesquita concluem que a escola rural – além de ensinar a ler, escrever e contar – pretendia desenvolver na criança o amor pela terra e pela vida no campo.

No artigo **“A RACIONALIDADE SUBJACENTE EM PROCESSOS DE IMPLANTAÇÕES CURRICULARES: UM OLHAR HABERMASIANO SOBRE RELATOS DE PROFESSORES DE MATEMÁTICA”**, Deise Aparecida Peralta, João Ricardo Neves da Silva e José Augusto Brito Pacheco desenvolvem reflexões históricas acerca das reestruturações curriculares da disciplina Matemática implementadas entre os anos de 1930 e 2013, a partir do relato oral de nove professores com idade entre noventa e oito e vinte e nove anos. Com base na Teoria da Ação Comunicativa de J. Habermas, os autores afirmam que a racionalidade técnica – e não o diálogo com a realidade escolar - fundamentou as ações governamentais.

Em **“A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: O CINEMA COMO RECURSO DIDÁTICO”**, Diego Augusto Doimo e Raimunda Abou Gebran entendem o cinema como um recurso didático importante para as aulas de Filosofia no Ensino Médio, desde que o docente forneça previamente um roteiro de análise, a partir do qual, o aluno possa acompanhar sua própria aprendizagem, desfazer-se de concepções previamente estabelecidas e dialogar com a temática colocada. Posta a problematização a partir do cinema, a leitura do texto filosófico permitiria ao aluno buscar uma conceituação capaz de instrumentalizar a reflexão acerca dos nossos problemas e do nosso próprio tempo.

No quarto artigo, intitulado **“SENTIDOS ATRIBUÍDOS AO MUNDO DO TRABALHO PELAS CRIANÇAS: A ESCOLA COMO PARTE DESSE PROCESSO”**, as autoras Amanda Antunes Miranda e Raquel Nascimento Coelho investigam o entendimento que o trabalho adquire para crianças de classe média e alta com idade entre onze e doze anos, matriculadas em instituições privadas de en-

sino e com bom rendimento escolar. Os entrevistados associam o “bom emprego” ao preparo intelectual e desqualificam o trabalho voluntário.

O autor Juliano Mota Parente identifica os principais elementos que fundamentam o gerencialismo e a performatividade na gestão educacional brasileira em seu artigo **“GERENCIALISMO E PERFORMATIVIDADE NA GESTÃO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA”**. Segundo o autor, tais diretrizes criam no interior das escolas um clima de instabilidade; uma cultura de competitividade, de individualismo e de disputa de poder. No contexto de performatividade, os processos avaliativos legitimam o controle do Estado sobre a atividade docente, não levam em consideração as especificidades de cada escola e de cada sistema de ensino e impõem a necessidade de relatórios, formulários e fichas com informações acerca dos alunos, cuja confecção demanda um tempo excessivo.

No artigo **“PROGRAMA ESCOLA DA FAMÍLIA: A ESCOLA A DESSERVIÇO DA ESCOLA”**, Gabriela Guillard da Silva Maia e Géssica Priscila Ramos apresentam o programa como assistencialista, cuja proposta – ainda que socialmente relevante – fica distanciada daquilo que elas consideram o foco central das instituições educativas: o desenvolvimento do ensino e da aprendizagem de conhecimentos efetivamente escolares. A desvinculação entre a “escola dos finais de semana e a escola dos dias da semana” foi apontada como uma das possíveis razões para o insucesso da proposta.

As autoras Gysely Josiara Ferreira Moura, Lucia Israel da Conceição Silva, Tatiene Germano Reis Nunes e Rosely Cardoso Maia apresentam os resultados de uma pesquisa da qual participaram seiscentos e cinquenta e oito jovens com idade entre treze e vinte e quatro anos, de ambos os sexos, matriculados em escolas públicas de Educação Básica na cidade de Belém. A pesquisa apresentada no artigo intitulado **“RELAÇÕES ENTRE PARES E VIOLÊNCIA NA ESCOLA: PERCEPÇÕES DE ESTUDANTES PARAENSES”** evidencia a forte exposição dos jovens e adolescentes à violência no contexto escolar e questiona as relações estabelecidas no interior das instituições de ensino.

Em **“O MEDIADOR ESCOLAR NO SEGUNDO SEGMENTO DO ENSINO FUNDAMENTAL: INTERLOCUÇÕES ENTRE ESPAÇOS, DSAFIOS E POSSIBILIDADES DA INCLUSÃO ESCOLAR”**, os autores William Scheidegger Moreira e Mara Monteiro da Cruz apresentam o relato de uma experiência desenvolvida em um Colégio de Aplicação Universitário. O mediador escolar – função exercida por um bolsista da Universidade – acompanha o desempenho de um aluno diagnosticado com deficiência intelectual leve, transtorno de ansiedade, atraso cognitivo e motor. O artigo destaca a importância de adaptações curriculares que favoreçam o processo de aprendizagem dos alunos.

No artigo **“PRÁTICAS DE LEITURA NA EJA: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO POLÍTICA DE LEITORES NO ENSINO MÉDIO”**, João Paulo

da Conceição Alves e Ana Claudia Figueiredo Martins Penha apresentam os resultados de uma pesquisa realizada junto a professores da EJA/Ensino Médio em uma escola pública localizada na cidade de Macapá. Segundo os autores, ainda que frágeis, as práticas de leitura realizadas na escola são de grande importância no sentido da formação política.

Finalizando este número, os autores Octávio José Zimbico e José Inocêncio Narciso Cossa, no artigo intitulado **“INFLUÊNCIA DO APOIO DOS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO NO DESEMPENHO ESCOLAR DOS EDUCANDOS EM MOÇAMBIQUE”** discutem o papel da família no aproveitamento de estudos a partir dos resultados de uma pesquisa desenvolvida junto a uma escola comunitária localizada no sul de Moçambique. Foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa baseada em documentos escritos, questionários e entrevistas com professores, membros da direção da escola, pais e alunos. Os autores concluem que a escola reproduz as desigualdades sociais, legitimando e naturalizando o capital cultural dominante.

Desejamos a todos (as) uma boa leitura!

Cláudia da Mota Darós Parente
Emery Marques Gusmão
Editoras

